

AS DEMARCAÇÕES DE PRECONCEITO PRESENTES NA OBRA “*CONTOS GAUCHESCOS*,” DE SIMÕES LOPES NETO

*THE DEMARCATIONS OF PREJUDICE PRESENT IN THE WORK “CONTOS
GAUCHESCOS,” BY SIMÕES LOPES NETO*

Luciano Vieira de Aguiar¹

Resumo: O presente artigo tratará dos *Contos Gauchescos*, de João Simão Lopes Neto. A obra possibilitará compreender como preconceitos são representados à luz de contextos sócio-históricos. Como objetivo inicial serão descritos os momentos em que preconceitos relacionados à raça, gênero e a estrangeiros surgem na obra. Mostrará que o autor não está ligado somente a temas regionais, o que limitaria sua produção literária, que os temas por ele abordados vão além de uma descrição de aspectos rurais, situando-o tanto no realismo brasileiro, como em uma literatura atual. Apontar que os temas abordados pelo autor são muito caros à sociedade atual como, por exemplo, os relacionados a preconceitos. Por mais que o autor trate desse tema, não deve ser apontado como um escritor preconceituoso. Para isso, será necessário compreender a obra dentro de uma então realidade histórica brasileira, recém-saída do período escravocrata. O tipo metodológico empregado será o exploratório, propondo maior contato com os temas apontados na obra. Os procedimentos a serem utilizados são o bibliográfico, apoiando-se em obras que tratam dos assuntos levantados, bem como o comparativo e o histórico, pois realizarão contrapontos entre períodos da História do Brasil. A fundamentação teórica apoiar-se-á em autores que abordam temas como literatura brasileira, preconceito e a obra de Lopes Neto como, por exemplo, Alfredo Bosi, Vera Haas e João Cláudio Arendt. Por fim, os resultados relacionam-se à análise dos contos, reconhecendo nos mesmos as formas de preconceito existentes, como interferem nas narrativas e se ainda estão presentes em nossa sociedade atual.

Palavras-chave: Preconceito. Racismo. Simões Lopes Neto.

Abstract: This paper will discuss "*Contos Gauchescos*" (Gauchesque Tales) by João Simão Lopes Neto. The work will enable us to understand how prejudices are represented in light of socio-historical contexts. The initial objective will be to describe the moments in which prejudices related to race, gender, and foreigners emerge in the work. It will demonstrate that the author is not solely tied to regional themes, which would limit his literary production, and that the themes he addresses go beyond a description of rural aspects, situating him both within Brazilian realism and within contemporary literature. It will also highlight that the themes the author addresses are deeply relevant to today's society, such as those related to prejudice. Although the author addresses this topic, he should not be labeled a prejudiced writer. To achieve this, it will be necessary to understand the work within the context of Brazil's historical reality, recently emerging from the slavery period. The methodological approach employed will

¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). asondasdomar@hotmail.com / <https://orcid.org/0000-0002-2870-7927>

be exploratory, proposing greater engagement with the themes highlighted in the work. The procedures to be used are bibliographical, drawing on works that address the topics raised, as well as comparative and historical, as they will provide contrasts between periods in Brazilian history. The theoretical foundation will be based on authors who address topics such as Brazilian literature, prejudice, and the work of Lopes Neto, such as Alfredo Bosi, Vera Haas, and João Cláudio Arendt. Finally, the results relate to the analysis of the short stories, recognizing the forms of prejudice that exist within them, how they influence the narratives, and whether they are still present in our society today.

Keywords: Prejudice. Racism. Simões Lopes Neto.

Considerações iniciais

João Simões Lopes Neto foi um escritor e empresário rio-grandense. Dentro da literatura brasileira, é considerado pelo professor, historiador e crítico literário Alfredo Bosi como um autor da escola estética chamada Realismo, período que representa a realidade da segunda metade do século XIX. Um fato importante é que Lopes Neto só alcançou a glória literária postumamente. Antes de se tornar escritor, envolveu-se com uma série de negócios pouco exitosos: de fábrica de vidros à produção de cigarros. Paralelamente aos negócios, Lopes Neto percorreu também o caminho da produção intelectual. Em alguns jornais publicou folhetins utilizando o pseudônimo de Serafim Bemol abandonando logo em seguida para se tornar um dramaturgo. Fracassado, sob o ponto de vista dos negócios, Lopes Neto passou a escrever para jornais e a ministrar aulas. Já na década de 1910, começou a trabalhar em dois jornais, período em que publicou suas principais obras. Lopes Neto possui, pelo menos, quatro obras que podem ser consideradas de maior expressividade, sob o ponto de vista estético e literário: *Cancioneiro Guasca*, *Contos Gauchescos*, *Lendas do Sul* e *Casos do Romualdo*, obras essas que tiveram maior alcance após sua morte, em 1916, aos 51 anos de idade, devido a uma úlcera duodenal.

É considerado por estudiosos e críticos da literatura brasileira como um escritor situado no realismo, e dentro dessa, pertencente ao tipo de escrita “regionalista”. O regionalismo na literatura caracteriza-se por uma forma de escrita carregada de elementos linguísticos e de costumes que indicam propriedades específicas de uma determinada região de ambiência rural. Fatores como dialeto e traços culturais locais auxiliam na compreensão dessa definição. Surgido na segunda metade do século XIX, o regionalismo foi um elemento marcante dentro da literatura em um país de extensão continental como o Brasil durante esse período. Seus primeiros traços surgiram nas obras de autores como José de Alencar e Bernardo Guimarães. Entretanto, o termo relacionado a uma literatura regional vem sendo revisto, uma vez que se torna cada vez mais difícil situar obras e autores com base nesse critério por vezes limitante. CLARABOIA, n. 24, p. 158-174, ago./dez. 2025. ISSN: 2357-9234

Não é incomum a dificuldade que existe por parte de críticos e estudiosos em classificar uma obra dentro de um contexto com abrangências mais rurais. Não raro, determinadas obras podem ser confundidas com termos (que serão vistos adiante) como literatura regionalista, literatura regional, publicadas em uma determinada região ou ainda que falem sobre uma determinada região. Diante dessas possibilidades de classificação, torna-se importante, em um primeiro momento, buscar compreender as diferenças existentes entre cada um desses termos.

Outro ponto a ser levado em consideração é que, compreendidas as características de cada escrita que abordam as regionalidades, surge a necessidade de sobrepor os limites da compreensão meramente estética. É necessário analisar a obra *Contos Gauchescos*, pretendida neste artigo, como um elemento promotor de uma observação mais aprofundada sobre as características em consonância com as realidades sociais. Associar a obra a uma perspectiva crítica em relação à sociedade da época, bem como sua relação com as realidades sociais, certamente ajudarão a melhor compreender a obra de Lopes Neto. Dentro dessa perspectiva, será possível realizar uma análise mais crítica a respeito de preconceitos existentes na obra, levando-se em consideração o período histórico e social em que a obra foi escrita. Não obstante, analisar o período literário no qual a obra encontra-se situada, torna-se mister na efetivação dessas análises.

O realismo literário

O realismo foi um período artístico e literário que surgiu na Europa na segunda metade do século XIX, mais precisamente na França. O movimento abarcou todas as áreas da arte, como pintura, teatro, escultura e também na literatura. Entre seus aspectos mais importantes está a tentativa de apresentar o homem e a sociedade em que vive de uma forma mais total, completa, real e menos utópica, simbólica ou idealizada. A objetividade e a criticidade são traços marcantes desse momento, uma vez que a Europa, nesse período, encontrava um ser humano às portas de um processo de industrialização e de um pensamento racional bem marcantes. Um ser humano que “se convenceu de que precisava ser realista, inclusive em suas criações artísticas, deixando de lado as visões subjetivas e emotivas da realidade” (Imbroisi; Martins, 2022). O realismo traz para a literatura um autor mais presente, que testemunha os fatos reais que acontecem à sua volta, com um olhar por vezes crítico, e em outros momentos de observador fiel dos fatos descritos, seja por meio de um narrador ou de um narratário. Dentre as características do realismo estão o caráter de racionalidade, cientificidade e a descrição da realidade tal como é vista, desassociando, dessa forma, questões mais subjetivas, utópicas ou

CLARABOIA, n. 24, p. 158-174, ago./dez. 2025. ISSN: 2357-9234

de modelos ideais. Pode-se considerar que o precursor do realismo tenha se dado a partir do lançamento da obra *Madame Bovary*, do escritor Gustave Flaubert (Brasil, 2017).

O realismo literário no Brasil

No Brasil, o realismo tem como marco inaugural a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis. A obra introduz uma forma narrativa centrada na análise crítica da sociedade, por meio de um narrador que, após a morte, revisita sua própria trajetória com distanciamento e ironia.

Em contraposição ao idealismo romântico, o realismo brasileiro passa a valorizar personagens mais complexos e contraditórios, inseridos em uma sociedade profundamente marcada por desigualdades. Nesse contexto, sobressai a crítica à elite burguesa, frequentemente representada como superficial e excessivamente preocupada com as aparências.

Outros traços marcantes do realismo encontrado na obra de Machado de Assis são o olhar crítico que esse período literário lançou sobre a classe burguesa. O autor propõe uma visão mais analítica, marcada por uma crítica a respeito da realidade existente no país, “que vinha sendo moldada pelos ideais de uma burguesia em decadência, pois conservadora e em dissonância com as mudanças econômicas, sociais e políticas pelas quais passava o Brasil” (Souza, 2022). A crítica à classe burguesa do Rio de Janeiro serve como exemplo para retratar que essa elite era a que predominava e, de certo modo, ainda predomina no Brasil, em detrimento da idealização de uma sociedade perfeita e exemplar, de pessoas brancas e libertas. O narrador-personagem Brás Cubas é um exemplo perfeito dessa sociedade:

Brás Cubas é o seu representante — dono de escravos, fútil, superficial, preocupado com aparências. Ele segue a trajetória de um burguês da época: tem uma amante com quem gasta dinheiro, estuda na Europa, consegue um diploma, tenta a carreira política e, para isso, precisa de um casamento. Além disso, valoriza as aparências, o título, a origem social, sem contribuir, de fato, para o crescimento do país (Souza, 2022).

Essa abordagem contribui para a compreensão das relações sociais do período, especialmente em um Brasil ainda próximo da abolição da escravidão, possibilitando que obras posteriores, como *Contos Gauchescos*, sejam analisadas à luz dessas tensões históricas e sociais. É o caso de *Contos Gauchescos*, do escritor João Simões Lopes Neto, obra essa que será vista em sequência.

***Contos Gauchescos*, de Simões Lopes Neto**

CLARABOIA, n. 24, p. 158-174, ago./dez. 2025. ISSN: 2357-9234

A obra *História Concisa da Literatura Brasileira*, do professor, historiador e crítico literário Alfredo Bosi, teve a sua primeira edição publicada no ano de 1970. Trata-se de um manual que percorre toda a história da literatura no país, sendo bastante utilizado como orientação para professores, estudantes e comunidade em geral. No capítulo V, chamado “*Realismo*”, estão inseridos os autores dessa escola literária, entre eles, Machado de Assis, Raul Pompéia, Aluísio de Azevedo e João Simões Lopes Neto. Duas partes merecem atenção nesse capítulo. A primeira delas é a que insere o “regionalismo como programa”, como um desdobramento desse período literário, o que, mais à frente, irá justificar a utilização do termo neste artigo. Bosi indica que, apesar da importância acadêmica de Coelho Neto e de Afrânio Peixoto, nem toda a literatura chamada “regional” oscilou entre os limites da banalidade e da preciosidade:

Em alguns contistas, cuja projeção aparece no começo do século, a matéria rural é tomada a sério, isto é, assumida nos seus precisos contornos físicos e sociais dentro de uma composição mimética de prosa. É o caso do regionalismo de [...] Simões Lopes Neto [...] que resultou de um aproveitamento literário das matrizes regionais (Bosi, 2017, p. 207).

Nesse contexto, o regionalismo pode ser entendido como um desdobramento do realismo, ao passo que uma parcela de escritores da época buscou retratar o homem e o ambiente rural de forma mais fiel às suas condições reais, superando idealizações estéticas anteriores: “o projeto explícito dos regionalistas era a fidelidade ao meio de descrever: no que aprofundavam a linha realista estendendo-a para a compreensão de ambientes rurais ainda virgens para a nossa ficção” (Bosi, 2017, p. 207). Esse compromisso com a representação do meio constitui um dos traços centrais do realismo brasileiro, especialmente no que se refere à análise crítica das relações sociais..

A segunda parte das anotações de Bosi refere-se ao escritor João Simões Lopes Neto, que ele considera como o “patriarca das letras gaúchas”. Incluído na listagem de autores realistas, período que representa a realidade da segunda metade do século XIX, Lopes Neto supera as características do período no qual foi inserido. E explica: “Seus contos fluem num ritmo tão espontâneo, que o caráter semidialetal da língua passa a segundo plano, impondo-se a verdade social e psicológica dos entrecos e personagens” (Bosi, 2017, p. 212). Tais aspectos contribuem para inserir a obra de Lopes Neto no âmbito do realismo brasileiro, principalmente pela valorização da construção de personagens e conflitos socialmente verossímeis. Para

corroborar com essas características, Bosi cita o conto “*Trezentas Onças*”, presente na obra *Contos Gauchescos*. Da mesma forma que poderia ser narrada com a simplicidade de uma história ao redor de uma fogueira, o conto também apresenta, por meio de uma linguagem metafórica, um estilo que suplanta o próprio cenário (Bosi, 2017).

Outras características presentes em *Contos Gauchescos* e que marcam o estilo de Simões Lopes Neto é o modo como, segundo Bosi, os cenários são apresentados, “nunca empastado pelo amor do pitoresco” e as narrações com desfechos marcados por tragédias, como que, vez ou outra, aparecem em seus contos. Por fim, Bosi indica que, além da prosa gaúcha, que por vezes pode ser construída sob efeitos que impressionam, a arte apresentada em Simões Lopes Neto expressa necessidade de apresentar os homens e as coisas de forma diversa das tendências de uma prosa típica de seu tempo (Bosi, 2017). Por fim, Bosi apresenta uma informação relevante que mostra um certo descolamento de Simões Lopes Neto dos demais autores classificados como regionalistas, uma vez que *Contos Gauchescos* apresenta-se como uma obra de transição. Não se pode afirmar que Lopes Neto seja um modernista; não menos verdade, não se pode dizer, categoricamente, que o autor possui aspectos meramente regionalistas: “É o caso limite de uma tradição ou cultura que se encarna em uma sensibilidade riquíssima, sem perder nem desfigurar [...] seus traços específicos. É o exemplo mais feliz de prosa regionalista no Brasil antes do Modernismo” (Bosi, 2017, p. 214).

Em seu artigo intitulado *Notas sobre regionalismo e literatura regional: perspectivas conceituais*, o professor da Universidade Federal do Rio Grande, João Claudio Arendt, apresenta conceitos relevantes a respeito da chamada literatura regional. O artigo mostra com clareza de que modo uma literatura que apresenta traços regionais por vezes é apresentada, bem como as diferenças existentes entre conceitos e termos, como “regionalismo”, “literatura regional”, “literatura em uma região” e “literatura sobre uma região”. Uma das primeiras indicações de Arendt é o debate a respeito desses conceitos e termos quando empregados em uma literatura cujo ambiente é o rural. Sem a intenção de buscar uma solução definitiva, o autor propõe uma discussão que não prenda a literatura de características rurais a uma definição meramente regionalista que a impeça de dialogar com outras perspectivas estéticas.

Diferentemente da classificação de Alfredo Bosi, na obra *História Concisa da Literatura Brasileira*, a respeito do regionalismo, Arendt não apenas revisa o conceito de regionalismo, mas propõe um deslocamento analítico, ao enfatizar que a classificação deve considerar as relações culturais e estéticas estabelecidas pela obra, e não apenas sua ambientação:

Creio que essa (sub)categorização de Bosi atua não só como forma de inclusão e exclusão de autores do sistema literário nacional, mas também de diferenciação entre obras supostamente boas e ruins. Por ser valorativa, ela parece ignorar os diferentes tipos de relações de regionalidade dos textos, abrigando tudo aleatoriamente sob o vago título de “regionalismo” (Arendt, 2015, p. 112).

A seguir, Arendt apresenta o termo “regionalismo”, sobretudo o literário. Lembra que o regionalismo pode unir-se tanto a um sentimento nacional, contrário ao “internacionalismo”, quanto ao internacional (“também pode se aliar ao internacionalismo contra um nacionalismo”) (Kramer, 2006, p. 22 *apud* Arendt, 2015, p. 112). Outra particularidade a respeito do regionalismo é o fato de que se trata de um conceito que coloca uma literatura presa a aspectos estéticos estreitos dos quais se torna praticamente impossível sair. Nesse sentido, nem toda produção situada em espaços específicos deve ser automaticamente classificada como regionalista, pois essa rotulação pode desconsiderar outras dimensões estéticas e temáticas das obras. Destoante dessa classificação puramente regionalista, Arendt apresenta dois exemplos de autores que, apesar de serem colocados como regionalistas e afins com os sentimentos tradicionalistas da cultura do Rio Grande do Sul, conseguem transpor a definição de literatura regionalista. São os casos de Erico Veríssimo e também de Simões Lopes Neto. O chamado *Movimento Tradicionalista*, por exemplo, “não [...] distingue, a partir das soluções artísticas, Érico Verissimo e Simões Lopes Neto de outros autores que simplesmente repetiram as fórmulas tradicionais do gauchismo romântico” (Arendt, 2015, p. 114). Na visão do autor, esse tradicionalismo apresenta uma falta de condições de dialogar com aspectos interculturais, ignorando outras representações possíveis dentro da literatura. Na opinião de Arendt, para ser classificada como regionalista, uma obra precisa estar compreendida em um aspecto com “cultura de uma região, e não a simples ambiência da sua trama em um espaço rural” (Arendt, 2015, p. 115). Com isso, é possível compreender que uma literatura regionalista circunda aspectos tradicionalistas, provincianos e ora ufanistas.

Todo esse entendimento é profícuo para que se possa compreender não apenas os *Contos Gauchescos* de Lopes Neto como uma obra que transita entre períodos literários, mas, sobretudo, como ela dialoga como o período histórico no qual encontra-se inserida. É importante que se diga de antemão que a intenção desta análise não é a de assentar Lopes Neto como sendo um escritor racista, preconceituoso; menos ainda, o de ser um ratificador das relações de subjugação de um grupo sobre outro que por vezes aparecem em sua obra. Demarcar elementos de preconceito em *Contos Gauchescos* não faz de Lopes Neto um escritor racista, CLARABOIA, n. 24, p. 158-174, ago./dez. 2025. ISSN: 2357-9234

sexista ou xenófobo, pelo contrário, no caso do racismo, de modo particular, os sinais de que o autor era a favor de uma miscigenação parecem ser evidentes, como ressalta o professor e escritor Luis Augusto Fischer. Em entrevista concedida ao jornalista Renato Dalto, por ocasião do centenário de *Contos Gauchescos*, e perguntado a respeito de como os personagens eram apresentados na obra de Lopes Neto em comparação com a de outros autores, entre eles do escritor argentino Jorge Luis Borges, Fischer comenta:

Nenhum dos dois tinha apreço pelo elogio pateta, pelo ufanismo antipovo, pelo patriotismo racista – Simões Lopes foi explicitamente a favor da miscigenação, por exemplo, o que vai contra um traço classista e racista muitas vezes implicado no tradicionalismo (Fischer, 2012).

Dessa forma, torna-se mister demonstrar de que maneira os preconceitos são exteriorizados em *Contos Gauchescos*, à luz dos contextos históricos. Ao passo que os contos de Lopes Neto estabelecem um diálogo com uma literatura cuja linguagem é evidentemente típica de uma região, em outros momentos, histórias e situações apresentadas poderiam tranquilamente ter ocorrido em qualquer outro cenário, inclusive o urbano atual. Nesse sentido, é possível observar temas que existiam à época em que o romance foi escrito e que perduram até o presente momento, como, por exemplo, preconceitos de raça, de gênero e os relacionados à xenofobia. Observar uma obra como essa a que se pretende, é fundamental na construção dos entendimentos da sociedade atual.

Os *Contos Gauchescos* à luz das percepções históricas e sociais

Escrito em 1912 a obra *Contos Gauchescos*, de João Simões Lopes Neto, é composta por uma parte introdutória e dezenove contos. Em um primeiro momento, o narrador apresenta Blau Nunes, um vaqueano que também teria sido um furriel, uma espécie de sargento, durante a Revolução Farroupilha ocorrida no Rio Grande do Sul entre os anos de 1835 e 1845, além de também marinheiro durante o período de serviço militar de Joaquim Marques Lisboa, o Marquês e Almirante de Tamandaré.

A obra pressupõe um caráter de autenticidade de ambientes e personagens, uma vez que as histórias são contadas por meio do narratário que, no decorrer dos contos, afirma ter presenciado vários episódios ao longo da obra, inclusive fatos históricos. O conto inicial mostra as belezas da região sul que incluem o Rio Grande do Sul e seus espaços limítrofes. O narrador

apresenta tudo o que viu durante suas andanças ao longo da vida, bem como suas percepções, por vezes carregadas de um certo sentimento ufanista:

– Vi a colméia e o curral; vi o pomar e o rebanho, vi a seara e as manufaturas; vi a serra, os rios, a campina e as cidades; e dos rostos e das auroras, de pássaros e de crianças, dos sulcos do arado, das águas e de tudo, estes olhos, pobres olhos condenados à morte, ao desaparecimento, guardarão na retina até o último milésimo da luz, a impressão da visão sublimada e consoladora: e o coração, quando faltar ao ritmo, arfará num último esto para que a raça que se está formando, aquilate, ame e glorifique os lugares e os homens dos nossos tempos heróicos, pela integração da Pátria comum, agora abençoada na paz (Neto, 1976, p. 03).

O narrador enfatiza que tipo de pessoa era Blau Nunes, incluindo sua origem e aspectos físicos. Blau, segundo o narrador, era um crioulo, um “verdadeiro gaúcho”, do tipo que talvez não mais exista, já que o gaúcho anda tão mudado (Neto, 1976). O termo *crioulo* era atribuído tanto a um escravo nascido no país quanto a escravizados originários de outras colônias portuguesas (Arquivo Nacional, 2021).

Após a apresentação do personagem, Blau Nunes assume essa função e passa a contar as histórias. As palavras e expressões típicas da região Sul e seus arredores fronteiriços são a tônica dos contos, porém, por vezes, compromete a narrativa, uma vez que apresenta termos linguísticos muito particulares, típicos da região. Talvez por esse motivo a obra de Lopes Neto, em um primeiro momento, possa a ser classificada desavisadamente como regionalista. Porém, o que dá a característica de que *Contos Gauchescos* seja uma obra que transita entre o regionalismo e a modernidade é que a linguagem não compromete os objetivos do autor e consegue estabelecer diálogos com a atualidade. Tais expressões ficam em segundo plano e adotam elementos que se descolam do puro regionalismo.

No ensaio *A presença do negro na literatura riograndense: os contos gauchescos*, de 2021, a doutora em literatura brasileira, Vera Haas, apresenta obras literárias do Rio Grande do Sul – entre elas o romance de Lopes Neto - que auxiliam a compreender de que maneira homens e mulheres negras são representadas nessa literatura. Para Haas, no caso de *Contos Gauchescos*, é necessário que se analise as relações construídas entre o protagonista e os demais sujeitos da obra. Nesse sentido, afirma a autora:

Dada a complexidade da representação de mulheres e homens negros e dos papéis que desempenham nos enredos, aproximar a lente nos contos em que esses seres ficcionalizados ocupam diferentes planos em relação ao narrador protagonista pode iluminar a presença do negro na obra simoniana e o gradual reconhecimento da participação dos africanos para com a formação cultural da sociedade representada (Haas, 2021).

Haas afirma que alguns contos presentes na obra de Lopes Neto possuem personagens negros com participações significativas no desenrolar das histórias, o que será visto logo adiante. Para tratar dos traços de preconceito existentes em *Contos Gauchescos*, é necessário que se leve em consideração os elos estabelecidos entre os personagens, cujos vínculos, por vezes, são firmados por meio de desigualdades sociais e relações de poder. Sobre isso, autora percebe que

o universo representado nos contos, embora mostre com frequência os proprietários das terras e das estâncias, focaliza o ponto de vista do peão, do cabo, do andante. O homem comandado e pobre está em primeiro plano: aos dominadores cabe o pano de fundo – fundo histórico que, por vezes, contradiz a impressão do velho paisano (Haas, 2021).

Nesse sentido, alguns contos merecem destaque, aqui dispostos na ordem em que aparecem na obra: *Trezentas Onças*, *O Negro Bonifácio*, *No Manantial*, *O Mate do João Cardoso*, *Correr Eguada*, *Melancia – Coco Verde*, *Contabandista*, *Jogo de Osso*, *O Duelo dos Farrapos*, *Artigos de Fé do Gaúcho* e *O Menininho do Presépio*.

O segundo conto da obra, *O Negro Bonifácio*, narrado em terceira pessoa, apresenta as relações de um negro e ex-escravo de nome Bonifácio e a personagem de nome Tudinha. Ao longo da narrativa é possível perceber de que maneira as figuras do negro e da mulher são representadas na obra, levando-se em consideração o preconceito racial, a escravidão, as diferenças sociais e as relações de gênero entre os personagens. Logo no começo do conto, a figura de Bonifácio é situada, tendo em conta a sua raça e o seu caráter:

Se o negro era maleva? Cruz! Era um condenado!... mas, taura, isso era, também! Quando houve a carreira grande, do picaço do major Terêncio e o tordilho do Nadico (filho do Antunes gordo, um que era rengo), quando houve a carreira, digo, foi que o negro mostrou mesmo pra o que prestava... (Neto, 1976, p.09).

No trecho acima e mais adiante, é possível encontrar a figura do negro sempre associada a algo depreciativo. O negro era mau, um condenado. Por causa de Tudinha, esse negro, primeiramente, “não vinha por ela, não; antes mais por farrear, jogar e beber: ele era um perdaço pela cachaça e pelo truco e pela taba” (Neto, 1976, p. 10). O fato de Bonifácio ser apresentado como uma pessoa corajosa e valente, ou de ser chamado, inclusive de “governo” em determinada passagem do conto, sugerindo, talvez que ele possuísse certa autoridade por

onde passava, não exime o fato de que, na maioria das vezes, a sua figura é relacionada a conotações pejorativas. No trecho seguinte, Bonifácio chega a um certo local e acaba por atrapalhar o “pagode”, palavra essa utilizada à época para se referir às festas promovidas pelos escravos nos quilombos ou nas senzalas: “no barulho das saúdes e das caçadas, quando todos se divertiam, foi que apareceu aquele negro excomungado, para aguardar o pagode” (Neto, 1976, p. 10). Mais adiante, quando Bonifácio se envolve em uma briga com um personagem de nome Nadico - figura esta que nutria sentimentos pela personagem Tudinha -, assim ele é retratado: “vinte ferros falcaram; era o Nadico, eram os outros namorados da Tudinha e eram outros que tinham contas a ajustar com aquele tição atrevido” (Neto, 1976, p. 11). Bonifácio aqui é comparado a um tição, um carvão, por conta de sua cor. A seguir, ao se referir à personagem Tudinha, o narrador afirma: “mais tarde vim a saber que o negro Bonifácio fora o primeiro a... a amansiar a Tudinha” (Neto, 1976, p. 12). O termo “amansiar” significa “manusear o animal, e que se diz, também, lidar de baixo, habituando-o com o domador ou com qualquer pessoa” (Dicionário Online de Português, [s.d]). Em outras palavras, Bonifácio foi o primeiro a exercer uma relação de poder sobre Tudinha. Nesse trecho, em específico, é possível perceber relações de poder exercidas por parte dos homens sobre as mulheres, perceptível também em outros contos da obra. A figura da mulher, por vezes colocada em posição de inferioridade, com menor grau de importância, representada de maneira frágil, cujas escolhas são questionáveis e incompreensíveis, acabam por destacar uma forma de preconceito que se estabelece por meio do gênero: “até hoje me intriga, isto: como uma morena, tão linda, entregou-se a um negro, tão feio?... Seria de medo, por ele ser mau?... Seria por bobice de inocente?... Por ele ser forçado e ela, franzina?” (Neto, 1976, p. 12). Ainda que o arremate e as decisões cruciais para o desfecho do conto sejam dados por Tudinha (pois é ela quem acaba por matar Bonifácio), essa atitude se mostra como algo incomum, uma vez que ao longo de toda a obra, é a figura masculina que se apresenta associada a aspectos de fortaleza, coragem e valentia. A mulher é apresentada como um ser belo, porém, emocional, descontrolado, vingativo:

A Tudinha já não chorava, não; entre o Nadico, morto, e a velha Fermina estrebuchando, a morena mais linda que tenho visto, saltou em cima do Bonifácio, tirou-lhe da mão sem força o facão e vazou os olhos do negro, retalhou-lhe a cara, de ponta e de corte... e por fim, espumando e rindo-se, desatinada bonita, sempre! ajoelhou-se ao lado do corpo e pegando o facão como quem finca uma estaca, bateu no negro sobre a bexiga, pra baixo um pouco vancê compreende?... e uma, duas, dez, vinte, cinquenta vezes cravou o ferro afiado, como quem espicaça uma cruzeira numa toca... como quem quer esfalear uma causa nojenta... como quem quer reduzir a miangos uma prenda que foi querida e na hora é odiada!... (Neto 1976, p. 12).

Todos esses elementos que apresentam a mulher como um ser submisso, exótico, imprevisível e causador de problemas, dialogam, oportunamente, com a visão que se possui da mulher na modernidade, o que ratifica a obra como possuidora de características universais. É o que se percebe também no seguinte trecho: “estancieiras ou peonas, é tudo a mesma cousa... tudo é bicho caborteiro...; a mais santinha tem mais malícia que um sorro velho!” (Neto, 197, p.13).

No décimo conto, *Melancia - Coco Verde*, em um jantar que ocorre por ocasião de um noivado, são claras as informações relativas a uma mulher negra que surge na obra, concernentes às suas características físicas e sua função dentro do núcleo familiar: “A noiva estava como um defunto: branca, esverdeada, de olhos fundos e chorando sem alívio; a negra, ama, atrás dela, muito retinta, só mexia o branco dos olhos, parecia uma alma penada, do purgatório...” (Neto, 1976, p. 47). A negra, cujo nome não aparece no conto, era uma ama, uma criada, uma pessoa cuja atividade poderia se desdobrar em várias funções, desde cuidar de crianças, servir como ama de leite, dama de companhia ou ainda se ocupar dos serviços domésticos. Esses tipos de atividade eram comuns no período escravocrata brasileiro e período logo posterior, sendo realizados por mulheres escravas ou recém libertas. O fato de se tratar de uma negra retinta, cujo tom da pele é bem escuro, sugere-se de que se trata de uma pessoa cuja origem ou descendência seja africana. Nesse sentido, outro conto merece atenção, o último da obra, intitulado *O Menininho do Presépio*. No trecho que descreve o local do nascimento de Jesus, há uma referência aos personagens bíblicos dos Três Reis Magos. No entanto, o que se percebe, é que apenas um deles recebeu descrição, no caso aquele de cor negra: “havia esparramados uns “alimais” (sic) entre boizinhos e ovelhas de brinquedo e outros enfeites; e mais uns figurões mui calamistrados, de coroa, que pareciam reis, e, pro caso, um, que era negro retinto, era o mais empacholado” (Neto, 1976, p. 75). Novamente o termo retinto aparece no conto para fazer referência a uma pessoa. No caso, esse indivíduo também era o “mais empacholado”. Sobre esse termo, a obra *Linguagem e Estilo de Machado de Assis, Eça de Queirós e Simões Lopes Neto*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, apresenta o seguinte significado: “metido a pachola; trajado como um pachola” (Ferreira, 2007, p. 289). Por sua vez, o termo “pachola” possui algumas definições que podem se referir tanto a um indivíduo ingênuo, belo ou brincalhão, quanto preguiçoso ou vadio (Pachola, [s.d]). Não fica claro qual o sentido que o narrador quis dar a esse personagem, mas é necessário ressaltar que, dos três reis, apenas o negro mereceu uma descrição mais detalhada, cujo motivo para tanto, igualmente não se sabe.

A respeito da cor da pele e suas variações, é importante salientar de que se trata de um tema bastante atual e, por vezes controverso, o chamado *colorismo*. Trata-se de um tipo preconceito cujas origens residem na distinção de pessoas por conta da cor de sua pele, podendo ocorrer dentro de um mesmo grupo de pessoas. Em determinadas situações, o colorismo visa definir qual pessoa negra poderá ser mais aceita na sociedade, sendo o tom de sua pele um critério para essa aceitação. Em entrevista ao Portal Ecoa, o doutor em antropologia pelo Museu Nacional, Messias Basques, afirma que essas variações de cor, em determinadas situações, podem representar tanto ascensão quanto cerceamento social:

Nasce da suposição de que a raça impõe às pessoas um limite, enquanto para outras as permite prosperar e vencer na vida. Desse modo, produziu-se uma identificação com pessoas mais marcadamente com fenotípicos africanos com a sua exclusão através do racismo [...]. Nessa escala cromática, quanto mais se aproximam daquilo que é branco passam a serem vistas como mais humanas, menos pretas, menos selvagens, menos tribalizadas, atrasadas e primitivas (Basques, 2021).

Basques acrescenta que o colorismo permite que se crie na sociedade um tipo de sistema social chamado “pigmentocracia” que, por vezes, serve como uma prerrogativa, permitindo acesso de certos grupos de pessoas a determinados espaços sociais:

Se opõem os polos do branco ao preto e quanto mais tende ao meio e ao polo branco, mais se atribui a essas pessoas vantagens sociais e oportunidades em contraposição àquelas pessoas que têm a sua pele preta e o seu fenótipo marcadamente com uma maior ascendência africana (Basques, 2021).

A respeito do termo *retinto*, que aparece na obra de Simões Lopes Neto, tal expressão apresenta-se como algo a ser destacado, uma vez que a mesma dialoga com as questões relacionadas ao preconceito racial no Brasil na atualidade, bem como auxilia a perscrutar os caminhos necessários para a construção e o estabelecimento de identidades.

Mais adiante, no terceiro conto de Lopes Neto, chamado *No Manantial*, as mulheres, diferentemente dos homens, continuam a ser apresentadas, levando-se em consideração os seus temperamentos. Por vezes se mostram barulhentas ou desesperadas diante de uma dada situação. Enquanto a elas lhes cabem meramente o descontrole diante dos acontecimentos, aos homens lhes são reservados o equilíbrio: “a gentama toda se alvorotou; o que era de mulheres abriu num alarido, o que era homem apresilhou as armas, e já se saiu, muitos de em pêlo, cobrindo a marca dos fletes” (Neto, 1976, p. 19). No décimo terceiro conto, *Jogo de Osso* (1976, p. 57) a mulher chega a tal medida de ser utilizada como moeda de troca em uma aposta: “- CLARABOIA, n. 24, p. 158-174, ago./dez. 2025. ISSN: 2357-9234

Pois olhe: eu já vi jogar-se uma mulher numa tira de taba. Foi uma parada que custou vida...mas foi jogada!"; no décimo quarto conto, *O Duelo dos Farrapos* (1976, p. 61), a mulher é a causa da perdição dos homens: "rabo-de-saia é sempre precipício pros homens"; por fim, no décimo sétimo conto, o *Artigos de Fé do Gaúcho* (1976, p. 69), pelo menos três normas ali presentes corroboram com a imagem preconcebida que se faz a respeito da mulher, colocando-a sempre em uma situação de submissão ou de desconfiança:

[...] 11º. Mulher, arma e cavalo do andar, nada de emprestar. 12º. Mulher, de bom gênio; faca, de bom corte; cavalo de boa boca; onça, de bom peso. 13º. Mulher sardenta e cavalo passarinho... alerta, companheiro!... (...) Quando falares com homem, olha-lhe para os olhos, quando falares com mulher, olha-lhe para a boca... e saberás como te haver...[...] (Neto, 1976, p. 69).

Outros episódios de preconceito são retratados em *Contos Gauchescos*, como é o caso do sétimo conto, *Correr Eguada* e do décimo segundo conto, *Contrabandista*, em que o preconceito se dá por meio da xenofobia, retratando os estrangeiros de maneira depreciativa: "Depois é que apareceram uns lamões [alemães] e uns ingleses, melados, que compravam o cabelo: [...]; mas eles pagavam uma tuta e meia [...], sempre a estrangeirada especulando cousas" (1976, p. 28); no conto *Contrabandista*, a visão que se tem do estrangeiro, que ocasionalmente lucra a qualquer preço, ou tenta obter certo tipo de vantagem, continua de forma bastante clara: "Aí inundou-se a fronteira da província de espanhóis e gringos emigrados. [...] A estrangeirada [...] foi quem ensinou a gente de cá a mergulhar e ficar de cabeça enxuta...; entrou nos homens a sedução de ganhar barato" (1976, p. 55).

As relações de poder de uma pessoa sobre outra ou de um grupo sobre outro, em determinadas situações, podem se configurar como produto de um cenário em que as hierarquizações sociais são utilizadas como prerrogativas para a manutenção dessas relações. Seja do homem sobre a mulher, do estancieiro sobre o ex-escravo ou por meio de autoridade constituída. No primeiro conto, *Trezentas Onças* (1976, p. 07), é possível perceber uma dessas relações, a do empregado com o seu patrão: "então, senti frio dentro da alma..., o meu patrão ia dizer que eu o havia roubado!... roubado!... Pois então eu ia lá perder as onças!... Qual! Ladrão, ladrão, é que era!..."; mais adiante, no conto *No Manantial* (1976, p. 15), aqui anteriormente citado, é possível perceber outro exemplo dessas relações: "Trazia para o brigadeiro Machado uma carta que devia ser de gente pesada, porque o brigadeiro tratou-o muito bem e decerto foi com o seu consentimento que ele aboletou-se aqui nos pagos"; no conto seguinte, *O Mate do João Cardoso*, é possível notar o tratamento do patrão dispensado ao CLARABOIA, n. 24, p. 158-174, ago./dez. 2025. ISSN: 2357-9234

empregado negro. No trecho que se segue, João Cardoso, um senhor bastante estimado na região de Passo da Maria Gomes, ao convidar uma pessoa para “tomar um mate” [chimarrão], assim se refere ao empregado:

Oh! crioulo! Traz mate! [...]
 O crioulo já calejado e sabido, chegava-se-lhe manhoso e cochichava-lhe no ouvido:
 — Sr., não tem mais erva!...[...]
 — Traz dessa mesma! Não demores, crioulo!...[...]
 E outra vez o negro, no ouvido dele:
 — Mas, sr!... não tem mais erva!
 — Traz dessa mesma, bandalho! [...]
 A verdade é que em muita casa e por muitos motivos, ainda às vezes parece-me escutar o João Cardoso, velho de guerra, repetir ao seu crioulo:
 — Traz dessa mesma, diabo, que aqui o sr. tem pressa!... (Neto, 1976, p. 22-23).

Os trechos acima retirados do conto dão a exata noção de como, ocasionalmente os empregados negros eram tratados diante de outras pessoas, com subjugação e desrespeito. Esse modo como os negros são retratados no conto abre a possibilidade de se realizar um paralelo com a sociedade contemporânea brasileira atual, buscando compreender de que maneira as mulheres e homens negros são vistos e tratados em atualmente. Permite ainda que, por meio de um olhar voltado ao passado, possa presumir que, muitos preconceitos e relações de poder têm como ponto de partida um recente período histórico brasileiro marcado, sobretudo, pela escravidão. Um fato que corrobora com essa perspectiva, é a de que, embora não exista mais escravidão no Brasil, as relações de preconceito ainda são evidentes. Nos ambientes de trabalho, por exemplo, observam-se dinâmicas que podem reforçar essas relações de poder e dominação. No caso de racismo e injúria racial, esses espaços apresentam-se como locais em que o preconceito se manifesta de maneira evidente. Tal fato pode ser verificado em levantamento de dados da plataforma JusBrasil. Ao analisar aproximadamente cinco mil ocorrências de racismo e injúria racial no país, observou-se que, desse total, cerca de 30% estavam relacionadas ao ambiente de trabalho, evidenciando a presença de relações de poder e subjugação nesses espaços (Cardoso, 2025).

Considerações finais

Simões Lopes Neto conta com uma importância muito grande para a literatura do Rio Grande do Sul e, sobretudo, brasileira. É possível afirmar que não se pode reduzir a sua obra a

uma literatura meramente regionalista, ainda que dela faça parte com muita propriedade. Simões Lopes Neto é um autor regionalista na mesma proporção que também é um autor com características estéticas que vão além dessa classificação. Pode-se dizer que sua obra *Contos Gauchescos*, encontra-se em um entremeio literário, entre o provinciano e o universal. O fato de possuir uma personalidade curiosa que o levou a diversas empreitadas profissionais ao longo da vida pode ter refletido em sua obra, incluindo *Contos Gauchescos*, que não são uma coisa nem outra por, exatamente, apresentar essa transitoriedade entre o local e o global.

Longe do tedioso e ilógico exercício que subsiste em situar uma obra a uma escola literária para que, a partir de tal escola, surja uma espécie de legitimação quanto à qualidade daquilo que se produz, a obra *Contos Gauchescos* apresenta um Brasil que adentrava o século XX sem contendas. Um novo período, de muitas transformações sociais e de industrialização. Mesmo ambientado em um espaço predominantemente rural, os *Contos Gauchescos* já dialogavam com temas que, *à posteriori* seriam comuns na vida do brasileiro que viria a ocupar os espaços urbanos. Temas relacionados ao preconceito, seja racial, de gênero ou até mesmo à xenofobia, longe de denunciar um autor preconceituoso, servem como uma fiel cópia das impressões que se tinha a respeito desses temas no período em que a obra se situou e que, ainda hoje encontram ecos na sociedade. Nesse sentido, as representações literárias são mais que oportunas para que se possa denunciar, por meio de suas abordagens históricas sobre o tema do preconceito, as diversas práticas de racismo e opressão que ainda ocorrem na sociedade brasileira. Obras como a de Simões Lopes Neto jogam uma luz a esses temas permitindo a discussão dos mesmos. Por fim, a obra de Simões Lopes Neto pode muito bem ser entendida como uma obra cujas reflexões propostas encontram correspondência no século XXI, servindo como um comparativo entre as relações de poder estabelecidas à época, que perduram até o presente momento.

Referências

ARENDDT, João Claudio. Notas Sobre Regionalismo e Literatura Regional: perspectivas conceituais. **Todas as Letras** – Revista de Língua e Literatura. V 17, n. 02, 2015. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/7121/5420>. Acesso em: 08 jul. 2025.

BASQUES, Messias. Colorismo: O que é e como ele afeta a vida de negros de pele retinta? [Entrevista concedida a] Giacomo Vincenzo. **Ecoa Uol**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/09/08/o-que-e-colorismo-e-como-ele-afeta-a-vida-de-negros-de-pele-retinta.htm>. Acesso em: 16 mar. 2025.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira** / Alfredo Bosi. – 52. ed. – São Paulo: Cultrix, 2017.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Madame Bovary, de Gustave Flaubert**. Centro Cultural. Brasília, DF: Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/visiteacamara/cultura-na-camara/literatura-e-musica/clube-de-leitura/obra-madame-bovary-de-gustave-flaubert>. Acesso em: 15 jul. 2025.

CARDOSO, Rafael. Ambiente de trabalho concentra 30% dos casos de racismo no país. **Agência Brasil**. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-11/ambiente-de-trabalho-concentra-30-dos-casos-de-racismo-no-pais?utm>. Acesso em: 09 abr. 2026.

BRASIL. Crioulo. **O Arquivo Nacional e a História Luso-Brasileira**. Disponível em: https://historialuso.an.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6115:crioulo&catid=2071&Itemid=121. Acesso em 20 jul. 2025.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Amanonsiar**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/amanonsiar/>. Acesso em: 16 mai. 2025.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Linguagem e estilo de Machado de Assis, Eça de Queirós e Simões Lopes Neto**. In: Coleção Antônio de Moraes Silva. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007. Disponível em: https://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/linguagem_e_estilo_de_machado-eca-simoes_-_internet-final.pdf. Acesso em: 18 abr. 2025.

FISCHER, Luis Augusto. Cem anos depois, uma obra infundável. O centenário de Contos Gauchescos comemorado neste ano traz novas abordagens sobre a obra de Simões Lopes Neto. [Entrevista concedida a] Renato Dalto. **Extra Classe**. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/cultura/2012/07/cem-anos-depois-uma-obra-infundavel/>. Acesso em: 15 ago. 2025.

HAAS, Vera. A presença do negro na literatura riograndense: os contos gauchescos. **Historise**, 2021. Disponível em: <https://historise.com.br/a-presenca-do-negro-na-literatura-riograndense-os-contos-gauchescos/>. Acesso em: 16 ago. 2025.

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. **Realismo**. História das Artes, 2022. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-seculo-19/realismo/>. Acesso em: 11 jul. 2025.

MARCÍLIO, Fernando. Memórias Póstumas de Brás Cubas. **Portal Globo**. Disponível em: <http://educacao.globo.com/literatura/assunto/resumos-de-livros/memorias-postumas-de-bras-cubas.html>. Acesso em: 15 jul. 2025.

NETO, Simões Lopes. **Contos Gauchescos**. 1976. Domínio Público Biblioteca Digital. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000121.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2025.

PACHOLA, In. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/pachola>. Acesso em: 16 jul. 2025.

SOUZA, Warley. Sítio Português. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 2022. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/literatura/memorias-postumas-de-bras-cubas.html>. Acesso em: 11 jul. 2025.